

Plano do Centro-Oeste terá 519 milhões até 79

Segundo o Plano de Ação Sanitária Básica para a Região Centro-Oeste, o Ministério da Saúde deverá investir durante o quinquênio 1975/79, recursos no valor de 519 milhões 505 mil e 200 cruzeiros. Estes recursos serão aplicados em programas de saúde coletiva: malária, doença de Chagas, esquistossomose, lepra, tuberculose, raiva, febre amarela, imunizações, materno-infantil, câncer, nutrição, saneamento, abastecimento de água, e assistência financeira para instalação méico-sanitária — e em programas de melhoria dos serviços de saúde, tanto administrativos, técnicos como na formação de recursos humanos.

Embora a região se caracterize como deficitária em termos de vigilância epidemiológica e notificação de dados para estabelecimento do seu atual nível de saúde — fator característico também em âmbito nacional — a mortalidade geral da área — Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Rondônia — em 1971 era de 7,87% por mil habitantes. Estes dados, se referem notadamente, a pesquisas realizadas nas capitais das unidades federais.

DIAGNÓSTICO DA REGIÃO

Os fatores condicionantes dos níveis precários de saúde da região dizem respeito aos fatores populacionais culturais, condições de habitação, saneamento, alimentação adequada, hábitos higiênicos e de renda.

Em 1970, a região Centro-Oeste apresentava-se com uma densidade demográfica 18 vezes inferior à do Sudeste, 12 vezes à do Sul, oito vezes à do Nordeste e quatro à da média nacional, o que caracterizava-a como uma região subpovoada, apresentando ainda uma relação de 2,49 habitantes por quilômetro quadrado.

A alta taxa de crescimento da população urbana da região — a maior do país — ainda não lhe tira a característica eminentemente rural, a sua população, de modo geral, é bastante jovem, uma vez

que as faixas etárias de menos de 15 anos correspondem a 45% e as menores de 40 atingem a 92%.

Segundo pesquisa realizada pelo Programa de Ação Concentrada, em 1968, dos 308 municípios da região, 89 eram abastecidos de água, beneficiando apenas 9,52% da população total e 21,19% da população urbana. Em 1970, o atendimento de água à população atingiu 38,90% dos municípios.

Com relação aos serviços de esgotos sanitários, os indicadores apresentam-se abaixo do ideal, levando-se em conta que o número de ligações deve corresponder ao número de domicílios.

Tomando-se por base o Estado mais populoso da região — Goiás — o sistema de esgoto na área pode demonstrar o índice precário destas instalações, considerando-se que, dos 221 municípios apenas 6,79% possuíam este serviço em 70. Dos domicílios urbanos ocupados somente 8,83% estavam ligados à rede de esgoto, observando um índice mais satisfatório nos domicílios servidos por fossas (32,72%).

Segundo as conclusões do plano para o Centro Oeste, de acordo com os ínfimos dados disponíveis, a desproporção entre o número de domicílios beneficiados por água mostra que a região apresenta acentuada deficiência de serviços sanitários.

Devido a esta precariedade, o quadro de mortalidade e morbidade da região apresenta-se bastante grande e não é pior apenas em relação ao Nordeste. No quadro de mortalidade no Centro-Oeste, as doenças transmissíveis são consideradas como elemento preponderante para o agravamento da situação, principalmente no interior dos estados.